

DINÂMICA DAS RELAÇÕES GRUPAIS: ANÁLISE SOCIOMÉTRICA DE UMA EQUIPE DE HANDEBOL

Antonio Carlos SIMÕES^{*}
Mário HATA^{*}
Katia RUBIO^{*}

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar como uma equipe esportiva revela aspectos internos de relações interpessoais de aproximação cultural, afetividade e ação de comando, apresentando atletas com características comportamentais para liderar seus companheiros de grupo. O estudo foi desenvolvido com 21 atletas de uma equipe masculina adulta de handebol, com idade cronológica acima dos 19 anos, com média em torno de 23,8 anos. Os dados foram obtidos utilizando-se como instrumento o teste sociométrico. As frequências de escolhas emitidas e recebidas em relação a cada uma dos atletas levaram a concluir que os indivíduos se baseiam em escolhas e rejeições pessoais, para ressaltar companheiros com atributos pessoais, para liderar o grupo perante aspectos que envolvem aproximação cultural, afetividade e ação de comando. Concluiu-se também, que a percepção que cada atleta tem de si mesmo em relação aos demais companheiros, caracteriza atributos pessoais que distinguem diferentes perfis de atletas-líderes no campo sócio-cultural, afetivo e de ação de comando.

UNITERMOS: Esporte de competição; Equipe; Atletas; Handebol; Atributos pessoais; Comportamento de liderança; Relações interpessoais.

INTRODUÇÃO

Há, na época atual, um interesse constante com relação ao conhecimento dos problemas centralizados sobre as equipes de diferentes esportes coletivos. Não apenas existe um aumento de interesse por parte dos estudiosos do esporte, mas também se multiplicam a participação de profissionais das áreas da sociologia e psicologia no cenário dos diferentes tipos de esporte individuais e coletivos. Tais interesses advêm do próprio fato dos problemas sócio-interativos, psicológicos, ideológicos e políticos se configurarem como manifestações interligadas à valorização e à legitimidade dos indivíduos em pertencer a uma equipe esportiva -manifestações que podem influenciar decisivamente a capacidade de rendimento e de relacionamento vivenciado por técnicos e atletas. Aliás, pela força de um ideal de união, todo um jogo de interesses institucionais,

grupais e pessoais entram em campo na arte de ativar e persuadir os indivíduos, driblando as teses dos adversários e enfrentando a opinião pública. Daí se pode dimensionar que as equipes esportivas pertencem a um tipo diferenciado de grupo humano, se organizando e operando com objetivos pré-determinados para responder com êxito às exigências das competições em nível nacional e internacional.

A coerência orgânica e funcional que une “indivíduo-equipe-indivíduo” depende decisivamente do intercâmbio de comportamento mantido entre eles. Isso ilustra que é muito difícil um indivíduo enfrentar e interagir com as forças sociais estabelecidas pelo poder esportivo maior em relação ao menor. Seja qual for o tipo de modalidade esportiva, a análise e conhecimento de equipes passa por um modelo de interpretação

^{*} Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

relacionado com o vínculo estabelecido entre “clube-equipe-indivíduo” e pelos fenômenos psicossociais, sociodinâmicos e institucionais que norteiam o individual com o coletivo e o coletivo com o institucional. Dentre esses fenômenos, poderíamos destacar que as equipes comportam relações sociais e funcionais juntamente com as “performances” de condutas pessoais de técnicos e atletas.

É nesse sentido que se pode afirmar que o relacionamento mútuo mantido pelos indivíduos dentro das equipes é o ponto definidor do que denominamos de vínculo coletivo, portanto, um compromisso dos indivíduos com um conjunto de valores e normas estabelecidas num ambiente, que muda constantemente pelas exigências de vencer a qualquer custo. Indubitavelmente, toda manifestação individual ou coletiva dispõe de mecanismos com diferentes quantidades de poder sobre as necessidades de superação e desejo de compromisso entre si, por si, de técnicos e atletas. Aliás, sob diferentes sistemas de idéias, valores, métodos e operações provenientes da capacidade de relacionamento dos dirigentes, técnicos e atletas, as equipes se apresentam como fenômenos sociais de marcante universalidade, que Cagigal (citado por Rioux & Chappuis, 1979) postulou serem paradigmas da vida humana distribuídos em minissociedades, face ao espírito e características de personalidade de seus membros.

O caráter peculiar de cada equipe não deveria ser visto como um simples agrupamento de dirigentes, técnicos e atletas. Elas se apresentam, conforme Simões (1990) como micro-sistemas sociais de rendimento entre a ideologia de liderança “Ideal próprio” dos técnicos e a percepção dessa ideologia de liderança por parte do “Real equipe” dos atletas. Aqui, encontramos tanto problemas de relacionamentos individuais como coletivos, que traduzem, ainda, a inobservância de uma coerência em relação aos desejos de intervir na aquisição e desenvolvimento de valores, personalidade, independência e disposições em situações cooperativas e competitivas que vão além do “fair play”. Diríamos que são micro-sistemas dos próprios clubes, uma vez que as equipes fazem parte deles e de organizações estranhas ao próprio esporte, pois dificilmente encontramos exemplos de equipes estruturalmente organizadas e eficientes no contexto do esporte de competição. O sucesso ou insucesso delas condiciona todo um conjunto de variáveis sócio-psicológicas, que por consequência

acabam refletindo na “performance” de conduta de todos os seus membros.

As vitórias não deixam de sensibilizar o “espírito de grupo”, o mesmo não ocorrendo com as derrotas, que detonam relações “conflitivas” entre a situação de coesão social e a capacidade de rendimento coletivo. Lewin (citado por Chappuis & Thomas, 1988) definiu a coesão grupal como um conjunto de forças que atua sobre os componentes dos grupos para continuarem fazendo parte deles. Significa que as contribuições básicas dos indivíduos ao comportamento coletivo, ultrapassam os limites das relações interpessoais, adentrando a legitimidade das relações interativas e funcionais, cuja realidade existencial das equipes encontra a suas razões no sentido profundo de abertura, de disponibilidade e de consentimento hierárquico de natureza ética e moral, proporcionados por técnicos e atletas. Se for verdade que os componentes de uma equipe são agentes de produtividade e de uma “filosofia” de trabalho conjunto, tornar-se-ia verdade, também, que técnico e atletas são personagens determinantes de como se processam as relações sociais e funcionais que ali ocorrem.

Alguns estudos abordados por Tajfel (1984) sugerem que somente atitudes interpessoais positivas não são suficientes para a formação de um grupo, já que cada indivíduo deve corresponder às necessidades do grupo - a auto-expressão e participação de todos. Pagés (1982) escreveu que os grupos são conjuntos de pessoas que, pela cultura, histórico individual e relações interpessoais, percebem de forma especial um conflito afetivo determinado por um conjunto mais vasto de pessoas, das quais os indivíduos fazem parte. Na verdade, a vida do grupo não se restringe apenas à sua vida emocional. Anzieu (1993) os comparou a um envelope que faz os indivíduos ficarem juntos, representando mais que um agregado humano, e enquanto não for constituído - paradoxalmente - esse envelope vivo, como a pele que se regenera no corpo, possui dois lados: um voltado para o exterior (cultural, social) e outro para a realidade interna dos movimentos das projeções que os indivíduos fazem sobre si próprios, e com as suas fantasias.

Em suma, o modelo ou imagem das equipes esportivas é mais espacial do que orgânico, que tem coesão ou repulsão dos indivíduos em busca de objetivos pessoais e grupais. A direção desse intercâmbio de comportamento reflete as forças sociais e psicológicas que levam as equipes a mudanças consideráveis no contexto do esporte

de rendimento. A padronização das relações não é meramente um dado dinâmico, mas um espaço de aprendizagem, que Pichón-Rivière (1995) postulou implicar informação, emoção e produção para todos os indivíduos no grupo. Uma das suposições fundamentais é que as equipes são motivadas de forma implícita e explícita, pelas suas dimensões sociais e funcionais na superação dos múltiplos obstáculos que o esporte de rendimento coloca no caminho das equipes. Vale dizer que seus membros se aceitam mutuamente para trabalhar conjuntamente – portanto, toda equipe representa um modelo de consolidação das ações dos seus membros. Aliás, a literatura tem mostrado que a posição e o prestígio atribuídos às equipes bem sucedidas tendem a preservar as suas imagens num campo em que a grande maioria das pesquisas são polarizadas em função dos diferentes métodos de preparação física, técnica e tática.

Paulatinamente vamos entrando naquilo que comumente é chamado de dinâmica grupal - aquela dinâmica social e funcional com vistas a uma melhor adaptação às exigências de formação e de desenvolvimento das equipes no mundo dos esportes coletivos. Afinal, a importância que os líderes (técnicos, atletas) desempenham frente aos companheiros de grupo, pode determinar o equilíbrio e o desequilíbrio entre a capacidade de produtividade técnico-tática e o processo do intercâmbio de comportamento vivenciados pelos indivíduos.

CONFIGURANDO O PROCESSO DO INTERCÂMBIO COMPORTAMENTAL DAS EQUIPES

Como visto, toda equipe se apresenta no esporte como um micro-sistema social, cujo elemento definidor é a capacidade de produtividade, implicando assim o papel apurado de técnico e atletas de uma dada equipe, conseqüentemente, a uma dada sociedade como um macro-sistema social que interfere sobre o comportamento dos clubes, equipes e indivíduos. No entanto, a capacidade de interagir e produzir, que são elementos essenciais do êxito coletivo, são interdependentes de um conjunto de fatores institucionais, grupais, individuais e de condições situacionais ligadas com aproximação cultural, afetividade e ação de comando dentro das equipes. Nesses termos, o comportamento de liderança dos técnicos e atletas poderia assegurar todo o processo de coesão social, afetivo e operacional das equipes.

Os conceitos parecem ilustrar que os atletas-líderes perseguem os mais variados tipos de comportamento de liderança para influenciar seus companheiros, em benefício da equipe e na manutenção do seu poder dentro de um clima de confiança mútua. Os princípios inferidos nesses valores envolvem desde as características de conduta pessoal dos líderes, até os diferentes estilos e/ou estereótipos comportamentais que possam caracterizar um atleta ou técnico como líder. Jesuíno (citado por Sidónio, Pataco & Santos, 1991) demonstrou que a subjetividade de comportamento dos líderes está relacionada às suas personalidades, mais especificamente, em situações particulares.

É provável que em termos de relações sociais, execução de tarefas e integração grupal, alguns atletas mais sensíveis ao “vencer a qualquer custo” se convertem em líderes de ação de comando para dotar seus companheiros de responsabilidade em prol do êxito coletivo. Outros mais ligados aos problemas de natureza psicológica, se convertem em líderes pacificadores de conflitos e tensões emocionais, numa tentativa de unir os companheiros em torno de um clima ambiental de confiança mútua. Um terceiro tipo de liderança poderia ser estabelecido com base na aproximação cultural entre os atletas - indicador na sensibilidade dos elementos que marcam a rivalidade, diversidade de interesses e manutenção de vínculos no âmbito das relações sócio-culturais, ideológicas, econômicas e políticas dentro das equipes. Assim, a eficiência das equipes dependeria do secretismo das suas relações como um modelo de realidade social. Por isso, em razão dos fatores intervenientes de ordem externa à equipe (clube, mídia, público) e dos internos (estrutura orgânica e funcional), que refletem sempre conceitos distintos - alguns restritos à “performance” de conduta pessoal de dirigentes, técnicos e atletas entre si e pela equipe como um todo organizado. Entre as razões para esse conhecimento, estão as análises de grupo e/ou dinâmica grupal - amplamente exploradas pelos psicólogos sociais.

A rigor, Sherif & Sherif (citado por Brawley & Martin, 1995) enfatizaram que a dinâmica grupal é um estudo científico das experiências e comportamentos individuais relacionados com as situações sociais. Daí a necessidade de se pesquisar as equipes esportivas a partir da auto-expressão e participação de técnicos e atletas, uma vez que o estudo de qualquer equipe é a própria compreensão da sua dinâmica interativa

e funcional. Qualquer que seja o esquema conceitual apresentado sobre elas, devemos levar em conta o modelo que enquadre os atletas entre si, com o técnico e com a equipe. Weinberg & Gould (1995) escreveram que, distinguir entre “coesão grupal” para as relações humanas e para execução de tarefas, envolve inúmeros problemas sobre o termo justamente por conta dos fenômenos sociais que surgem com a existência do grupo. Organizar essas diversidades dentro de uma equipe esportiva, demandou o agrupamento de algumas variáveis comportamentais que poderiam aproximar e/ou afastar os atletas entre si. Afinal, o esforço dessas relações se resumiria em virtude da aproximação cultural, afetividade e ação de comando entre os atletas, que remetem a características comportamentais de indivíduos com capacidade de exercer a arte de liderar seus companheiros.

Basicamente, o processo de rendimento de uma equipe consiste em usar a estrutura de relacionamento e sentimento pessoais de atleta para atleta, que podem garantir o ajustamento ou isolamento de qualquer um. Como nessa estrutura o atleta é o agente que mais trabalha em prol do “Ideal próprio” dos técnicos, ele poderá ser também o mais forte em ativar e persuadir os companheiros de grupo. Por isso, é importante escolher como grupo uma equipe cujo sistema orgânico e funcional seja confiável. Isto reforça o pensamento de Cratty (1984) de que a dinâmica grupal pode ser considerada como uma terapia em nível de sentimentos interpessoais, já que uma luta acirrada acontece entre os indivíduos em busca de posições de destaque portanto, podendo levar uma equipe a possuir um clima ambiental conflitivo, especialmente se não tiver lideranças efetivas. O fato delas aceitarem e/ou rejeitarem indivíduos sugere que estão fundamentadas em padrões definidos de organização, canais de comunicação e métodos de procedimentos com as relações de aproximação cultural, afetividade e ações de comando das lideranças, uma vez que a identidade social, pessoal e interdependência com quem mais ou menos gostam de conviver, treinar e jogar estão presentes como verdadeiros instrumentos de poder grupal.

O estar “unido” não significa que uma equipe esteja consciente e coesa em torno de seus objetivos comuns. Até que ponto um atleta estaria comprometido com seus companheiros, é um enigma para todos os analistas e especialistas da área do esporte de competição. Talvez porque os atletas pensem que suas ações individuais sejam

inquestionavelmente superiores às dos demais. Exemplo disso, é que analisando a relação entre coesão social e eficácia coletiva, Spink (1990) concluiu que avaliações específicas em grupos coesos estão positivamente correlacionadas com a eficácia coletiva em equipes de alto nível, o mesmo não ocorrendo em relação às equipes menos competitivas. A proposição de que uma equipe de handebol também mantém seu próprio perfil comportamental, atribuindo um significado para cada atleta que traz consigo modelos de conduta pessoal em relação aos demais companheiros, poderia ser equacionada pela regra de que, dentro dela, surgem atletas com capacidade de serem identificados como líderes em relação às dimensões aproximação cultural, afetividade e ação de comando. Consideremos aqui o tema “dinâmica das relações grupais” dentro de uma equipe de handebol, como constituída de “performances” de conduta pessoais compartilhando valores, idéias e “espírito de grupo” dentro de uma mesma estrutura orgânica e funcional que, conforme Antonelli & Salvini (1978), não seria um conjunto indiferenciado nem desordenado de dinâmica, mas um sistema que tende à racionalização específica das tarefas e dos procedimentos exigidos dos seus próprios objetivos.

Gill (1986) enfatizou que a interação é a chave para caracterizar um grupo enquanto tal, pois as equipes esportivas são exemplos naturais de grupos que necessitam de apoio na forma de suporte social e na pressão da rivalidade entre companheiros de grupo. Se por um lado, as pesquisas sobre os grupos esportivos envolvem ordenação e conceituação de fatores psicossociais, por outro, o simples fato dos atletas se identificarem mutuamente em torno da aproximação cultural, afetividade e de ações de liderança efetiva, é um sinal de que poderíamos determinar ou diferenciar os possíveis líderes em função daquelas dimensões psicossociais dentro de uma equipe de handebol, que se preparava para um grande evento esportivo mundial.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Geral

Procurou-se caracterizar que uma equipe esportiva revela como características aspectos internos de relações interpessoais de aproximação cultural, afetividade e ação de comando, apresentando atletas com características

comportamentais para liderar seus companheiros de grupo.

Específico

a) Organizar e interpretar através do teste sociométrico, as relações interpessoais em nível de aproximação cultural, afetividade e ação de comando, mantidas pelos atletas dentro de uma equipe de handebol de alta "performance";

b) Identificar e comparar as posições sociométricas individuais entre os atletas com mais semelhanças entre si, e aqueles que possuem atributos pessoais para liderá-los perante as dimensões comportamentais de aproximação cultural, afetividade e ação de comando.

DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Foram pesquisadas opiniões de atletas de uma particular equipe adulta, do sexo masculino, representativos de uma equipe brasileira de alta "performance". Não foram consideradas diferenças sócio-econômicas, ideológicas e políticas dos atletas, onde se poder-se-ia observar influências interpessoais. Generalizações dos resultados devem ser vistas com a devida cautela dessa delimitação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi desenvolvido com 21 atletas de uma equipe masculina adulta de handebol, em fase final de treinamento para o torneio mundial da modalidade, com idade cronológica acima dos 19 anos de idade, com média de idade em torno de 23,8 anos. Os dados foram obtidos através de instrumento elaborado por Moreno (1972) - o teste sociométrico ("socius"= social; "metrum"= medida), que é o estudo matemático de características psicológicas dos conjuntos sociais a partir de métodos quantitativos. Foi perguntado aos atletas, quem entre todos os companheiros da equipe, ou especialmente, quais os dois companheiros (ordem de preferência um e dois) escolheriam para: a) compartilhar idéias, valores e estabelecer relações interpessoais de aproximação cultural; b) relações sócio-afetivas; e c) ser capitão da equipe com êxito.

O instrumento foi aplicado durante a fase final dos treinamentos, após o acompanhamento de todas as fases anteriores

mantidas pela equipe antes do evento esportivo. Talvez, a característica mais importante desse acompanhamento foi que os atletas foram esclarecidos de que o estudo não tinha uma posição para divulgar nominalmente os sujeitos da pesquisa à sociedade. Portanto, não houve perda de nenhuma das respostas envolvendo as questões inseridas no instrumento aplicado junto aos atletas daquela equipe de handebol. Todos os instrumentos foram preenchidos como constituídos de opiniões subjetivas, tanto na escolha do primeiro quanto na escolha do segundo companheiro de grupo, para diferenciação de papéis com relação às variáveis aproximação cultural, afetividade e ação de comando.

Os dados foram analisados através das freqüências (maior, menor, média) atribuídas pelos atletas àqueles companheiros com quem mais ou menos se identificavam na equipe dentre o conjunto de respostas obtidas junto aos 21 sujeitos da pesquisa. As freqüências foram distribuídas sobre círculos concêntricos, indicando que o círculo central seria o núcleo das maiores freqüências atribuídas a um companheiro de grupo, tanto na primeira quanto na segunda escolha. No círculo intermediário, os atletas com freqüências médias recebidas, e no círculo externo, os atletas com menores freqüências de escolha, ficando claro que os atletas situados no centro dos círculos, seriam os líderes de aproximação cultural, afetividade e ação de comando - atletas-líderes, que poderiam desempenhar um papel importante na arte de ativar e influenciar os companheiros em prol das ações comuns do grupo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Sob o delineamento estabelecido de que a coesão social e operativa constitui a base explicativa da funcionalidade de uma equipe de handebol, falando-se de aproximação cultural, afetividade e ação de comando, cremos que foi definido todo um conjunto de manifestações humanas em torno daqueles companheiros com quem mais e menos os atletas se identificavam, naturalmente, decorrente do fato dos atletas distinguirem alguém com característica(s) comportamental(is) de líder(es) em suas manifestações pessoais perante o grupo. As freqüências obtidas dentro daquela equipe, nos levaram a algumas posições sociométricas estabelecidas pelos atletas em relação aos

companheiros que desempenhavam papéis fundamentais na formação e evolução da equipe - papéis e funções que poderiam combinar atributos pessoais com perfis de líderes frente aos companheiros de equipe. Por essa razão, os atletas estariam se posicionando com relação à capacidade que alguns atletas têm de liderar indivíduos e equipe para conseguir objetivos. Daríamos como compreendido nessa estrutura orgânica e funcional

a própria valorização do modelo interacionista das equipes esportivas. Goffman (1996) escreveu que qualquer indivíduo pode gerar conflitos por uma "performance" de conduta inadequada, pois que tem de confiar na conduta dos demais companheiros. A representação das posições sociométricas dos atletas em função da estrutura social de aproximação cultural, estão apresentadas na FIGURA 1.

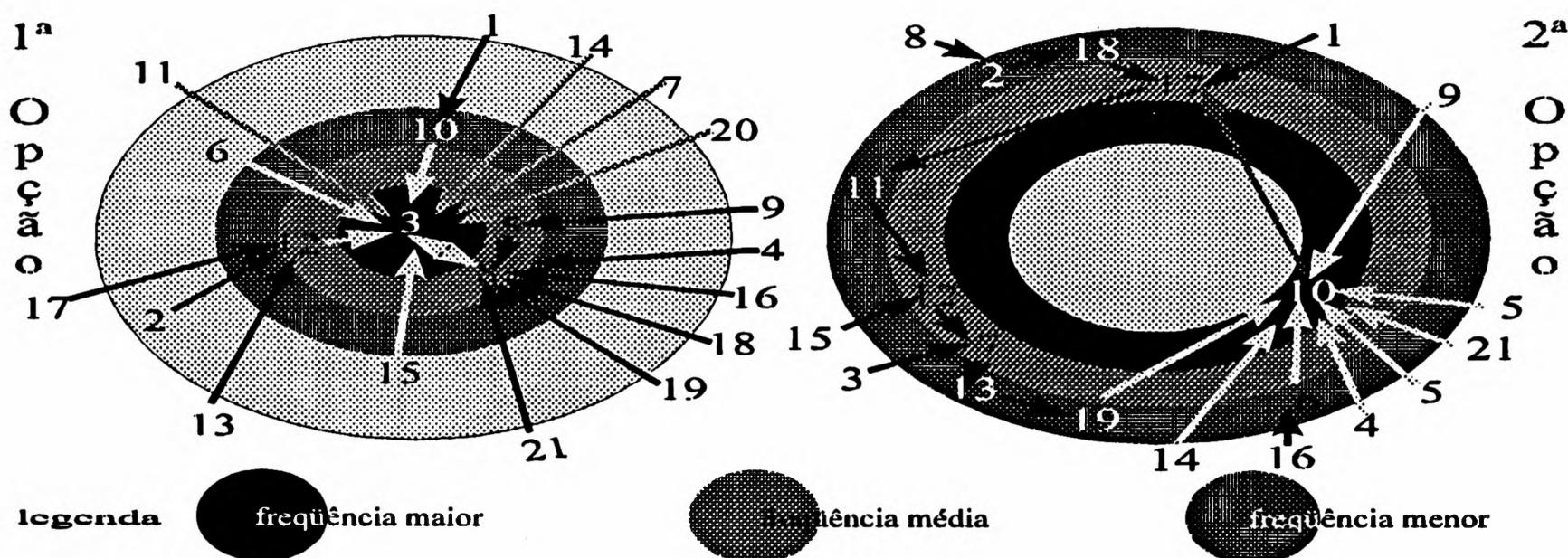


FIGURA 1 - Representação das posições sociométricas em aproximação cultural.

Analisando os níveis de frequências atribuídos pelos atletas aos dois companheiros em que eles viam mais semelhanças para liderar a equipe, observou-se que o "atleta 3" recebeu a maior frequência de escolha, o mesmo não ocorrendo com a segunda opção. Conseqüentemente, os atletas configuraram uma estrutura de relações interpessoais com os parâmetros sociais, ideológico e políticos, que designaram o "atleta 3" com características para liderar a equipe em nível de aproximação cultural. É importante fixar que cada atleta possuía a sua própria visão sobre o comportamento dos demais companheiros, por isso se identificavam com as condições ambientais, e fundamentalmente, com a conduta de comportamento dos líderes. Significa que o "atleta 3" devia assumir um comportamental de liderança no campo de aproximação cultural, já que houve em primeira opção, convergência da maioria das frequências em torno do seu nome. Isso reforça os conceitos estabelecidos por Andree & Whitehead (1996), de que as metas de um grupo esportivo estão fundamentadas na percepção que os

atletas têm de suas próprias habilidades, motivações e clima ambiental em que trabalham.

A compatibilidade de relação "atleta-líder-liderados" indicaria que existe uma relação interativa confiável de tomada de decisão dentro da equipe. É bem provável que o "atleta 3" possuía condições intelectuais que satisfizesse aos interesses de grande parte dos companheiros de grupo. Daí ser possível afirmar que o tipo de liderança exercido por ele era um referencial fundamental, no amplo sentido de relacionamento total com o processo de aproximação cultural. Em outras palavras, o relacionamento sócio-cultural da equipe era potencialmente capaz de identificar, de forma clara, atletas que fundamentavam suas atitudes e ações com "performance" de conduta pessoal de liderança em benefício não só do técnico, senão dos próprios atletas que compunham a equipe frente aos adversários. O líder é, frequentemente, alguém percebido pelos companheiros e revestido de grande importância para a "performance" da equipe, que Chelladurai (1990) escreveu estar fundamentada na satisfação

de seus membros e num modelo multidimensional de liderança com comportamentos requeridos, preferidos e presentes.

Certamente, as freqüências atribuídas pelos companheiros ao “atleta 3” nos proporcionam dados quantificáveis sobre padrões de aceitação ou rejeição existente dentro daquela equipe. Tanto é verdade, que nenhum outro atleta foi indicado com características comportamentais de liderança, em segunda opção. Poder-se-ia, inclusive, hipotetizar que entre a primeira e a segunda opções não existe posições sociométricas que identifiquem um segundo líder em aproximação cultural. Logo, o “atleta 3” representava o sentimento do “nós” que cada um dos atletas sentia em relação à liderança dentro daquela equipe de handebol. Não se pode esquecer que o sentimento do “nós” não só assegura posições, papéis e funções, como mantém um vínculo de solidariedade e respeito humano, que também pode depender, conforme Chappuis & Thomas (1988), das posições assumidas pelos atletas, já que trazem para o grupo, concepções determinadas de um modelo de conduta social precedente de suas origens.

Em vista disso, torna-se necessário que os atletas se adaptem à equipe, aproveitando o potencial sócio-afetivo do grupo e minimizando as relações “negativas” de forma que todos possam

comunicar sentimentos de auto-expressão e participação. A representação das posições sociométricas que caracterizam os atletas que mais ou menos se identificam dentro do processo sócio-afetivo dentro da equipe, estão apresentados na FIGURA 2. As freqüências atribuídas pelas posições sociométricas dos atletas nos mostram que a maioria das freqüências de escolha recaíram sobre o “atleta 2”. Isso significa que esse atleta pode possuir atributos pessoais para exercer um comportamento de liderança afetiva que influencia os demais companheiros a enfrentar seus problemas sócio-afetivos dentro do grupo. Observou-se, também, que não houve em segunda opção, convergência de escolhas para caracterizar um segundo líder no campo sócio-afetivo. Isso pode ser entendido, inicialmente, pela própria natureza do intercâmbio comportamental quanto à identidade das relações pessoais e quanto ao clima ambiental que inclui certas situações do cotidiano no comportamento indicativo de amizade, reciprocidade mútua e respeito humano - reforçado pelos papéis dos atletas e de outras características, tais como traços de personalidade e emoções que devem instigar as intervenções individuais e coletivas. A posição e o prestígio social atribuídos pelos atletas a um companheiro de grupo bem sucedido, tendem a preservar seus atributos pessoais de auto-confiança e de liderança.

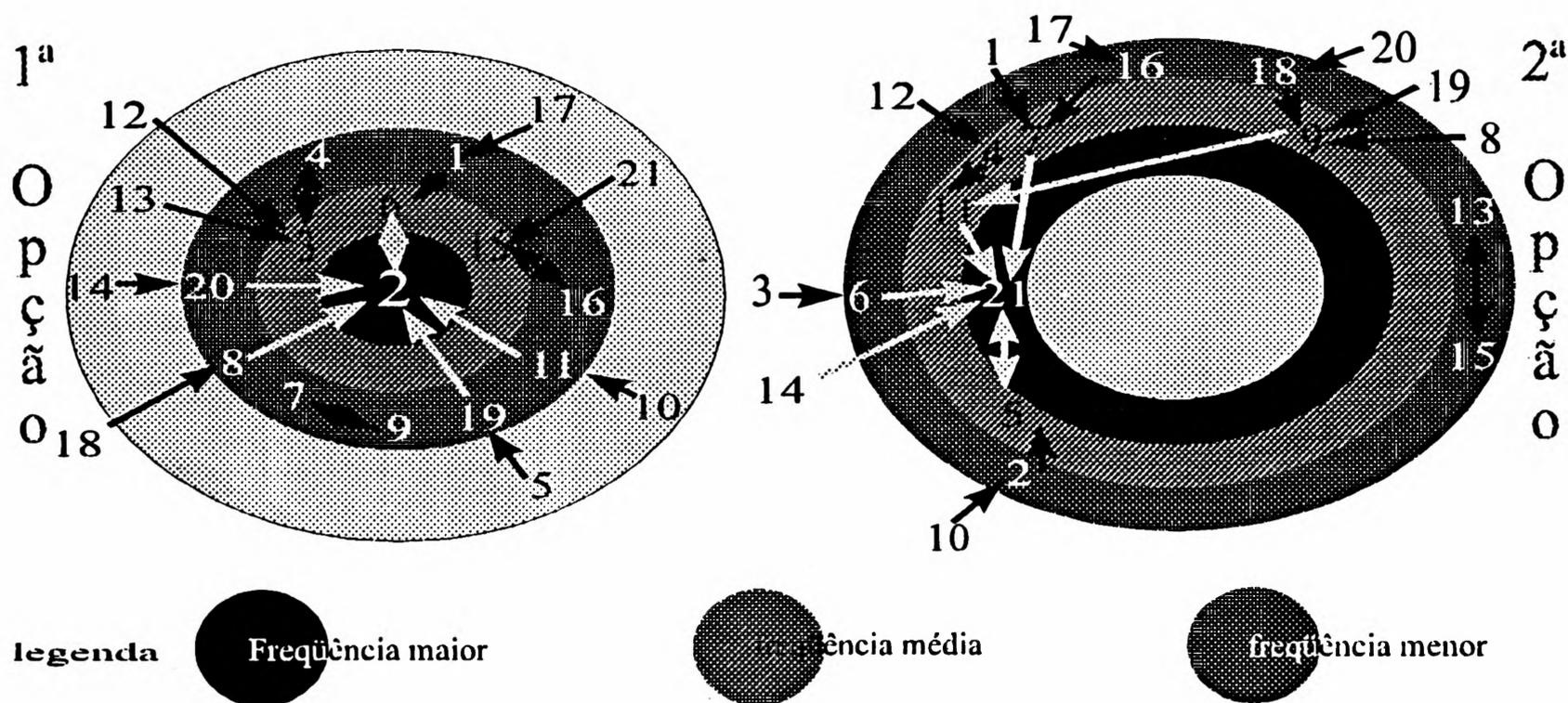


FIGURA 2 - Representação das posições sociométricas dos atletas em afetividade.

Essa representação traduz um “jogo” de relações interpessoais capaz de desencadear preocupação nos processos de formação, evolução e de um clima ambiental condizentes com os sentimentos dos atletas. Indubitavelmente, a essência das tonalizações afetivas recai especialmente na natureza do vínculo coletivo, e isso não se consegue individualmente. Se o “atleta 2” conseguiu atrair o entusiasmo dos seus companheiros é porque possuía atributos pessoais que se identificam com o clima sócio-afetivo da equipe. Segue que os diferentes aspectos sócio-afetivos manifestam-se ao contrário de outras características pessoais, de maneira espontânea, e nem sempre são manifestadas (deliberadamente) pelos membros de uma equipe esportiva. Talvez o significado mais amplo desse processo seja a descoberta, por parte dos atletas, de gostar, sentir e trabalhar conjuntamente.

Tudo isso, naturalmente, seria o núcleo afetivo cuja ênfase reside, conforme Pagés (1982), na experiência das relações sociais. É um dos pilares de sustentação do equilíbrio da estrutura social das equipes, onde cada um dos indivíduos enfrenta, no plano inter-pessoal, o companheiro com quem prefere manter boas relações sócio-afetivas, e os que ele rejeita. Em nível mais profundo, a relação é vivida como um sentimento de solidariedade na separação sentida como angústia. O laço de união grupal é, portanto, baseado num sentimento inconsciente de solidariedade com todos, unido ao sentimento de separação mútua. A solidariedade assim definida raramente é consciente - manifesta-se de fato pelo

estabelecimento no grupo de sistemas coletivos de defesa contra a angústia de separação, que tem por função expressar indiretamente a angústia e o laço de união grupal, e defendendo seus membros contra eles. A partir daí é provável que, segundo as freqüências observadas na FIGURA 2, as qualidades pessoais do “atleta 2”, poderiam ser vistas como um elo de ligação sócio-afetiva entre os membros na composição social do grupo, como um todo organizado.

A situação gerada pelo “atleta 2” como agente social afetivo, foi resultado de um clima de solidariedade, que se impôs como uma força social impulsora, que motiva e modifica costumes e valores pessoais, inicialmente, no ambiente de trabalho e convivência da equipe e, posteriormente, na vida privada de cada um. Poder-se-ia dizer que o “atleta 2” assumiu um papel de liderança que não se baseia apenas em suas habilidades técnicas, mas em suas manifestações comportamentais de afetividade para com os companheiros de grupo. Uma vez que a interação entre os atletas se torna fundamental para a formação e desenvolvimento da estrutura orgânica e funcional de uma equipe, as ações de comando mantidas pelo capitão são básicas para o processo cooperativo do grupo, tendo em vista que o capitão pode definir e organizar o conjunto de ações individuais dentro da quadra de jogo. Tais hipóteses sugerem que a ação de comando pode refletir os interesses de todos os membros da equipe. As freqüências atribuídas pelas posições sociométricas dos atletas em torno da escolha do capitão aparecem na FIGURA 3.

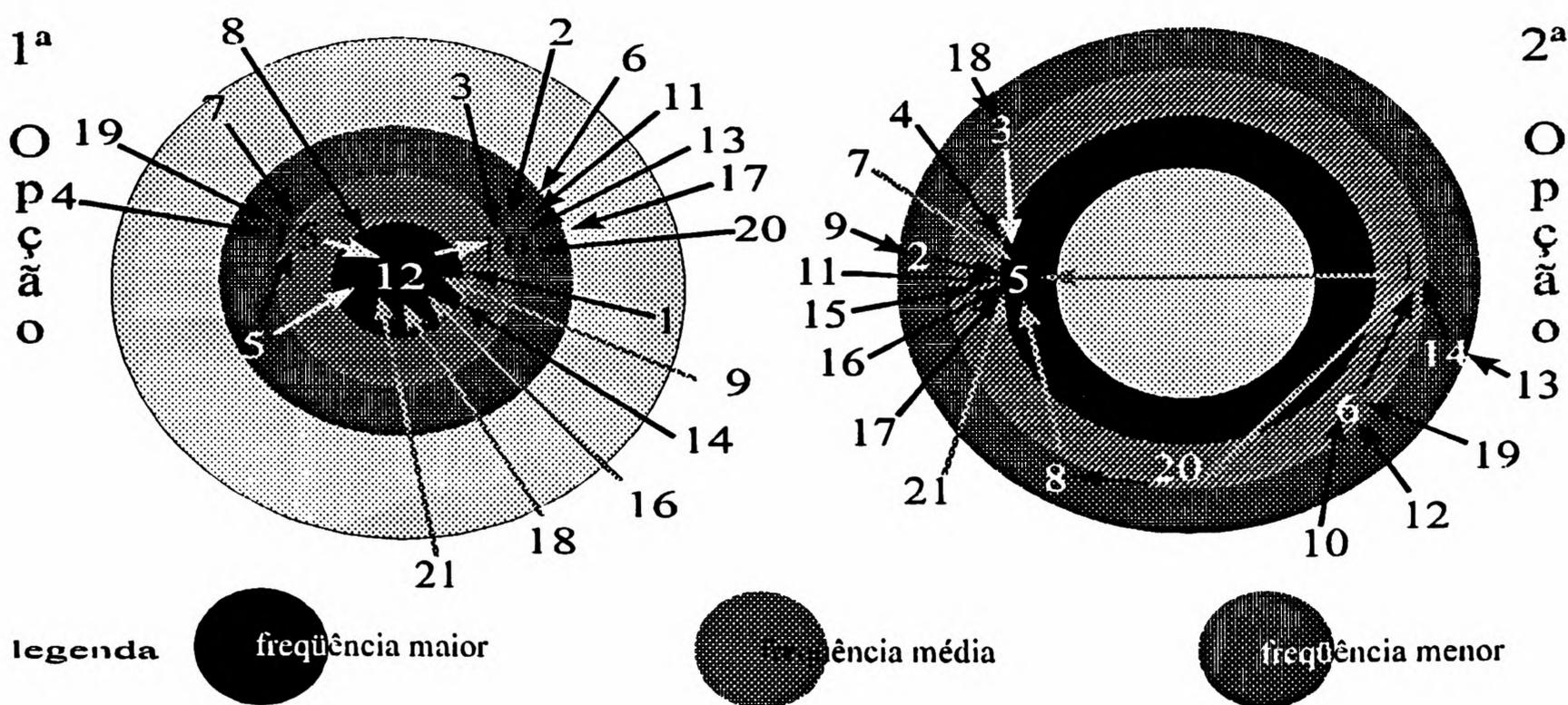


FIGURA 3 - Representação das posições sociométricas dos atletas em ação de comando.

Vemos que as figuras retratam as frequências atribuídas pelos atletas à categorização de papéis voltada para os indivíduos com características pessoais para ser o líder de ação de comando da equipe. Diríamos que o “atleta 12” devia possuir habilidades pessoais para manter o “espírito de grupo”, reforçando os argumentos de Hippolyte et alii (citado por Brandão, 1996) de que o capitão precisa ter confiança e respeito dos demais membros da equipe. As posições assumidas pelos atletas serviram para legitimar a categorização dos papéis dos indivíduos com poder para equilibrar ou resolver problemas sócio-interativos e funcionais dentro da equipe. Isso reflete as tendências pragmáticas de como os capitães são escolhidos. Cratty (1984) diz que são escolhidos pelas suas capacidades de influenciar o grupo a ter um melhor desempenho tanto no aspecto técnico quanto no social.

Aliás, o intercâmbio de comportamento mantido pelos líderes e liderados é um processo contínuo de manifestações pessoais sobre os problemas que permeiam o ajustamento sócio-funcional dos atletas entre si. Samulsky (1992) escreveu que quanto mais poder a posição de líder oferece, mais favorável torna-se a situação para ele, destacando três dimensões para a favorabilidade do líder: a) as relações afetivas do líder com o grupo; b) a estrutura da tarefa; e c) a posição de poder. As *relações afetivas* do líder com o grupo têm sido assumidas como sendo de grande efeito nas situações favoráveis. O líder que é respeitado e querido pode obter o consentimento do grupo em relação às suas decisões, sem o exercício do poder, podendo dessa forma agir mais decisivamente e com mais confiança do que o líder que não é querido ou é rejeitado pelos membros do grupo. A *estruturação da tarefa* é aceita como outro fator que favorece uma situação para o líder. Isso implica a boa estruturação da proposta de trabalho, com a indicação clara dos procedimentos específicos para que os objetivos sejam alcançados. A *posição de poder* é considerada como o terceiro fator determinante, uma vez que essa condição está relacionada a autoridade do líder sobre o grupo, bem como o apoio que o primeiro recebe do segundo, constituindo uma relação bi-direcional.

O caráter unificado do comportamento grupal seria reforçado, conforme Turner (1984), pelas funções exercidas pelos indivíduos e por outras características (traços de personalidade, atributos pessoais), que devem instigar as ações comuns. Essas características comportamentais assumidas por líderes são

ênfaticamente por muitos estudiosos (Chappuis & Thomas, 1988; Cratty, 1984; Spink, 1990) que consideram o comportamento subjetivo dos líderes em relação a sua personalidade e, mais especificamente, em situações grupais.

Dentro dessa perspectiva, o “atleta 12” devia ter qualidades e atributos pessoais que possibilitariam atrair, em torno de si, os seus companheiros de equipe e de satisfazer uma série de necessidades individuais que, às vezes, frustram e/ou facilitam o intercâmbio de comportamento mantido entre os atletas dentro de uma equipe esportiva. Isso equivale a dizer que, à medida em que os atletas de uma determinada equipe esportiva cooperam para manter uma impressão, permitindo a explicitação da tarefa e a participação através dela, permitindo não só sua compreensão, mas também sua execução, constitui, aquilo que Pichòn-Rivière (1991) denominou grupo.

CONCLUSÕES

Como vimos pelas posições sociométricas, uma equipe esportiva promove interações que nos ajudam a compreender como seus membros se inter-relacionam com os acontecimentos estabelecidos pelas relações sócio-interativas em função da aproximação cultural, afetividade e ação de comando. Vale lembrar que os dados obtidos centralizam “núcleos de liderança” que demonstram que os indivíduos são percebidos pelos demais com atributos de uma posição de líder, sendo que o grau de relacionamento com os demais e seu comportamento, são capazes de assumir papéis de lideranças significativas com o processo de aproximação cultural, afetividade e ação de comando. Daí o sentido de alguns atletas chamarem a atenção dos demais em função de suas habilidades para influenciar e liderar uma equipe - sentido de como os atletas se sentem em relação aos demais, reforçando a tese de que as equipes esportivas distinguem líderes e “não-líderes”, na auto-avaliação de suas posições no grupo.

Talvez, o significado mais amplo dos resultados obtidos nesse estudo seja a descoberta de que, dentro de uma equipe de handebol, os atletas distinguem companheiros com perfis comportamentais de lideranças quanto à força do líder de ação de comando e quanto à natureza das relações humanas em torno da aproximação cultural e afetividade. Isso equivale a dizer que as frequências (maior, média, menor) atribuídas e

recebidas representam que os atletas identificaram uma tríplice liderança dentro da equipe. Foi caracterizado um líder de aproximação cultural, um líder afetivo e um líder de ação de comando. Portanto, a diferença entre os estilos de comportamento de liderança se baseiam no grau de reciprocidade no âmbito das relações interpessoais quanto à aproximação cultural, à afetividade e à ação de comando do capitão da equipe - evidenciando que existem grandes tendências de

que os atletas podem fornecer, com relativo sucesso, as posições que ocupam e/ou julgam ocupar como destaques nas suas intervenções como líder ou liderados, uma vez que toda situação requer talento especial para enfrentá-las e resolver os problemas que surgem na formação e desenvolvimento de uma equipe de alta "performance"

ABSTRACT

DYNAMICS OF GROUP RELATIONSHIP: SOCIOMETRIC ANALYSIS OF A HANDBALL TEAM

The purpose of this study was to identify if social behavior of a handball team may be analyzed by a tridimensional model involving cultural proximity, affection and initiative action of leadership. The instrument for data collection was the sociometric questionnaire with 21 handball players, with mean age of 23.8 years old. The results obtained were capable to provide immediate feedback about athlete's perception of their co-workers performance. It was also concluded that there was a relationship between athletes' choices and the degree of cultural proximity and affectionate and initiative action. The perception each athlete has of himself and in regard to his team mates characterize personal attributes that distinguish different profiles of leader athletes in the socio-cultural, affection and guidance domains.

UNITERMS: Athletes; Sport team; Handball; Personal characteristic; Leadership.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREE, K.V.; WHITEHEAD, J. The interactive effect of perceived ability and dispositional or situational achievement goals persistence in young athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, v.18, p.S12, 1996. Supplement.
- ANTONELI, F.; SALVINI, S. *Psicologia del deporte*. Valladolid, Editorial Miñon, 1978.
- ANZIEU, D. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993.
- BRANDÃO, M.R. *Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano*. Santa Maria, 1996. 157p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Santa Maria.
- BRAWLEY, L.R.; MARTIN, K.A. The interface between social and sport psychology. *The Sport Psychologist*, v.9, p.469-97, 1995.
- CHAPPUIS, R.; THOMAS, R. *L'équipe sportive*. Paris, Presses Universitaires de France, 1988.
- CHELLADURAI, P. Leadership in sports: a review. *International Journal of Sport Psychology*, v.21, n.4, p.328-54, 1990.
- CRATTY, B.J. *Psicologia do esporte*. Rio de Janeiro, Prentice Hall do Brasil, 1984.
- GILL, D.L. *Psychological dynamics of sport*. Champaign, Human Kinetics, 1986.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- MORENO, J.L. *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.
- PAGÉS, M. *A vida afetiva dos grupos*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- _____. *Teoria do Vínculo*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- RIOUX, G.; CHAPPUIS, R. *La cohésion de l'équipe*. Paris, J.Urin, 1979.
- SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte, Escola de Educação Física/UFMG, 1992.
- SIDÓNIO, S.; PATACO, V.; SANTOS, F. Leadership patterns in handball international competition. *International Journal of Sport Psychology*, v.22, p.78-89, 1991.

SIMÕES, A.C. Equipes esportivas vistas como microsistemas sociais de rendimento entre a ideologia de liderança dos técnicos e a percepção real dos atletas. São Paulo, 1990. 296p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SPINK, S. Collective efficacy in the sport setting. International Journal of Psychology, v.25, p.380-95, 1990.

TAJFEL, H. The social dimension. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

TURNER, J.C. Social identification and psychological group formation. In: TAJFEL, H. The social dimension. Cambridge, Cambridge University Press, 1984. v.2, p.518-38.

WEINBERG, R.; GOULD, F. Foundations of sport and exercise psychology. Windson, Human Kinectics, 1995.

Recebido para publicação em: 26 ago. 1997

Revisado em: 22 out. 1998

Aceito em: 18 nov. 1998

**ENDEREÇO: Antonio Carlos Simões
Departamento de Esporte
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65
05508-900 – São Paulo – SP - BRASIL**